

A POESIA DE DONIZETE GALVÃO SOB O SIGNO DA METRÓPOLE

Arlete de Falco¹

Resumo: Discute-se, neste trabalho, a poesia de Donizete Galvão erigida no espaço da metrópole, analisando como esse espaço determina o perfil psicológico de seus personagens. A análise, apoiada sobretudo em Bonafin (2016), Rabello (2003), Berardinelli (2007), Boitani (2005) e Eliade (1992), se dará a partir da leitura dos poemas “Roedor” e “Volta para casa”, extraídos de *A carne e o tempo* (1997).

Introdução

Neste trabalho volta-se o olhar para a poesia de Donizete Galvão nascida sob o signo da metrópole. Mineiro de Borda da Mata, sul de Minas, Galvão iniciou sua carreira em São Paulo, espaço onde viveu como publicitário, mas no qual nunca se sentiu plenamente à vontade, o que se evidencia em sua poesia. De acordo com Ivone D. Rabello (2003), a matriz da lírica galvaniana está situada entre as escarpas do cenário da infância, Borda da Mata, Minas Gerais, de onde o poeta se sente exilado vivendo na metrópole.

Dessa forma, pode-se afirmar que a poesia galvaniana apresenta duas faces, distintas, porém complementares. Uma face é a presença da memória pessoal, que se constitui matéria-prima nutriente de sua lírica. A outra face é constituída por essa poesia que emerge no espaço da metrópole. E é para essa poesia que dirigimos o olhar neste trabalho, procurando compreender as marcas que ela traz, bem como se essas marcas são decorrentes do entrecruzamento das duas faces. Para tanto, deteremos a atenção nos poemas “Roedor” e “Volta para casa”, ambos extraídos de *A carne e o tempo*.

A metrópole na poesia de Donizete Galvão

Alfredo Bosi, na obra *O ser e o tempo da poesia* (2015), aponta como um dos traços da poesia o fato de ela se caracterizar como resistência. Não sendo mais facultado ao poeta o dom de nomear, ele usa a poesia como forma de resistir aos entraves e às vicissitudes impostas pelo mundo. Relevantes para a compreensão do conflito vivenciado pelo ser situado nos espaços da modernidade são os estudos de Octávio Paz, para quem, desde o seu surgimento a poesia moderna define-se por representar uma

reação diante, para, e contra a modernidade [...] Em sua disputa com o racionalismo moderno, os poetas redescobrem uma tradição tão antiga como o próprio homem [...] Refiro-me à analogia, à visão do universo como um sistema de correspondência e à visão da linguagem como o doble do universo. (PAZ, 1984, p. 12).

E a memória, conforme lembra Solange F. C. Yokozawa (2006), é uma das possibilidades de manifestação da analogia; isso porque a analogia representa a busca por um mundo em que não tivesse acontecido a cisão, a rachadura entre o ser e o mundo moderno. Sob essa ótica a memória representa, para os poetas que buscam nela matéria essencial de criação, a

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela UFG – Universidade Federal de Goiás; docente na UEG – Universidade Estadual de Goiás, campus de Itumbiara. E-mail: arletedefalco@gmail.com.

possibilidade de a poesia “sobreviver em um meio hostil para com o poético” (YOKOZAWA, 2006, p. 214).

Na poesia de Donizete Galvão, a memória é matéria nutritiva, ocorrendo em muitos casos, uma mitificação do que é resgatado, casos em que se hipotetiza, na esteira de Bosi, que tal se dá como uma forma de resistência à opressão da metrópole. Por outro lado, a metrópole comparece também na poesia de Galvão numa abordagem mais crua, como cenário de miséria e a degradação do ser humano, diluído nesse espaço rasurado.

Alexandre Bonafin chama a atenção para o papel de destaque da metrópole na lírica ocidental. Para ele, a metrópole vem se tornando, em muitos aspectos, “um espaço catalisador de preocupações existenciais, estéticas e filosóficas” (BONAFIN, 2017, p. 95), como o atesta a lírica de grandes poetas, atentos às transformações ocorridas nos centros urbanos, as quais provocam alterações na vida das pessoas. As transformações sociais que assolam os centros urbanos, transformando-os em metrópoles, tiveram um impulso a partir da Revolução Industrial. Conforme lembra Bonafin, foi em meados do século XIX, em decorrência da crescente aceleração econômica das indústrias e do comércio que várias cidades passaram por uma revolução e se transformaram em grandes centros urbanos, aonde afluí um contingente cada vez maior de pessoas, saindo do meio rural em busca do sonho de uma vida melhor.

Essa cidade, transformada pelo progresso e inchada à custa do imenso volume de pessoas que recebe, vai-se expandindo aleatoriamente, lançando suas garras além dos seus próprios limites, gerando um pseudoespaço, um arremedo de cidade para onde são lançados aqueles que não conseguem se inscrever dignamente nessa geografia.

Bonafin (2017) defende que a transformação acelerada por que passam os grandes centros urbanos teve uma repercussão direta nas relações sociais e interpessoais. Para ele, “Se antes a lentidão dos ritmos cósmicos, associada a um existir centrado na produção agrícola, permeava os laços sociais, permitindo a proximidade, a familiaridade e os contatos estreitos, afetivamente próximos, agora o que se observa é o crescente avanço do individualismo, da indiferença...”(BONAFIN, 2017, p, 96). Essa ideia insinua-se no poema abaixo extraído da primeira obra de Galvão:

CIDADE

ó blues de cruciais impossibilidades
dores de amores inexistentes
rosas amarelas mortas no apartamento
beijos e salivas nas tardes desérticas

ó visão depressiva do asfalto molhado
prédios encardidos & horda dos bárbaros
arquitetura de guerra de dias provisórios
espelho poluído da cidade da chuva

ó mundo artificial com sua natureza de néon
espetáculo de vitrines e exibições
nada de eterno palpita no seu coração
tudo já nasce velho para ser refeito amanhã.
(GALVÃO, 1988, p. 24)

O tom de desencanto perpassa o poema acima. Metonimicamente o eu lírico vai destacando do espaço da metrópole imagens que remetem à sua inadequação nesse espaço que, em um primeiro momento, poderia ser de encantamento. Observe-se que na última estrofe há

um destaque para o néon, característico das grandes cidades e fascínio de muitos. Recorde-se aqui a figura do *flâneur*, de Baudelaire, que percorre fascinado as ruas das metrópoles. Longe de apresentar o encantamento apontado por Walter Benjamin (1989), o que o eu lírico destaca em seu passeio pela cidade são pontos que lhe ressoam negativamente: as rosas estão mortas nos apartamentos, o asfalto molhado tem reverberações depressivas, os prédios são encardidos e o mundo de néon artificial. Para Júlio Pimentel Pinto, a cidade, signo do moderno “é, primeiramente, o lugar possível da defesa do moderno”(1998, p. 113). Não é, porém, o que se evidencia nos poemas de Donizete Galvão; neles a imagem da cidade aparece rasurada. Retomando a segunda estrofe, nela se leem os seguintes versos:

prédios encardidos & horda dos bárbaros
arquitetura de guerra de dias provisórios
espelho poluído da cidade da chuva

Essas palavras do eu lírico corroboram a visão de Mumford (1991, p. 484) que, refletindo sobre o crescimento e desenvolvimento das cidades, pondera que

Entre 1820 e 1900, a destruição e desordem, dentro das grandes cidades, é semelhante àquela de um campo de batalha, proporcional à própria extensão de seu equipamento e ao poder das forças empregadas.[...] Aquelas vastas massas urbanas podem comparar-se a um exército mal equipado e desorganizado, que perdeu seu chefe, dispensou seus batalhões e companhias, rasgou suas bandeiras e foge em todas as direções.

O poeta reitera a imagem visualizada por Mumford para definir o espaço da cidade como árido, hostil, onde as pessoas na sua não convivência harmoniosa lembram as que se confrontam em espaços de batalhas, onde a necessidade de sobreviver impõe regras próprias.

Renato Cordeiro Gomes (1994) reflete sobre o estar no mundo do homem do século XXI e auxilia no processo de compreensão da condição do homem moderno e pós-moderno nesse universo dominado pelo capitalismo. Nesse contexto, é o espaço da cidade que congrega os mais diversos sentidos e sentimentos; nas palavras de Bonafin (2017), “a cidade é uma arena onde se convergem todas as paixões, todos os impulsos desse homem arrebatado pela perpétua novidade de um mundo em eterno agitar”. E aqui as possibilidades artísticas são várias. Elogio e negação emergem dessa profusão de visões e de sentidos.

E nesse contexto insere-se a poesia de Donizete Galvão que, ora passeia por sua geografia, destacando em pequenos flashes detalhes de sua arquitetura, ora foca no homem que transita pelos espaços e não espaços da metrópole.

ROEDOR

Parado no trânsito da Marginal,
Vi você roendo as unhas com fúria.
Estava encostado no poste da esquina,
Ombros arqueados numa posição frouxa.
Você cuspiu os tocos das unhas.
Arrancava lascas de carne dos dedos
E, depois, sugava o sangue dos cantos.
Ah, que triste figura você fazia, amigo!
Você era pouco mais que um rato.
(GALVÃO, 1997, p. 31)

“Roedor” é um poema composto por versos brancos e livres, numa linguagem simples, bastante próxima do coloquial e marcadamente narrativo; o eu lírico dirige-se a um interlocutor, flagrado num ponto de destaque da metrópole paulista, a avenida Marginal. O eu lírico flagra a sua personagem num recorte dentro de um espaço marcado pela despersonalização. A descrição física da personagem é criteriosa e determinante para a sua composição psicológica: o homem está encostado no poste, com ombros arqueados e roendo as unhas. Esses elementos compõem a imagem de uma pessoa mergulhada em seu interior, indiferente ao espaço desumanizador em que se encontra. Marc Augé, na sua obra *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*, estabelece uma distinção entre lugares e não lugares. Para ele, “O lugar e o não lugar são, antes, polaridades fugidas: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente – palimpsestos em que se reinscreve, sem cessar, o jogo embaralhado da identidade e da relação” (AUGÉ, 2012, p. 74). Como entidades fugidas, escapam, pois, à uma classificação rigorosa.

Imerso nesse espaço fugido, o sujeito se perde na multidão. O eu lírico aponta uma situação recortada num instante, e cliva o indivíduo no não lugar em que ele se encontra e onde, kafkianamente, zoomorfiza-se, descendo à condição de rato. Só sai parcialmente dessa condição quando o eu lírico, numa intimidade quase generosa, chama-o de amigo, para comunicar-lhe sua condição de não humano.

O poema “Volta para casa” também comunga com “Roedor” a característica de trazer para o centro da cena personagens humanas (?) destacadas de não lugares.

VOLTA PARA CASA

seis da tarde. ulisses junta seus badulaques.
suas retinas colecionam despojos. sorvem objetos.
engole prédios. ferocidade dos pombais. cadela com
costelas salientes, que derruba lixo das padarias.
picnic de mendigo entre sacos pretos de lixo.
música de rádio. cervejas sobre balcões de fórmica.
pano verde de mesa de bilhar. cusparadas de cachaça.
chuvinha fina. ovo podre do rio.
músculos em outdoors de academias.
ardem-lhe os pés. fogueira no estômago.
reconta humilhações do dia. olha com os olhos
e lambe com a testa as luzes dos shoppings.
arquitetura desejos nunca realizados.
(ele falou que antes de derrubarem o barraco,
vai levar todas as telhas brasilit).
mixing de suor e desodorante barato.
lona de dióxido de carbono cobrindo a cidade.
ulisses cochila, entre sacolejos.
muito além das retinas intoxicadas,
sonha com a ítaca sempre verde.
de que lhe falou o cego.
estará ela esperando por ele na linha final?
(GALVÃO, 1997, p. 38)

Na obra *A carne e o tempo*, de onde são extraídos os dois últimos poemas, Galvão sedimenta uma prática não muito comum em seus livros anteriores. Aqui ele começa a exercitar-se na composição de poemas mais longos. No poema acima mais uma vez vemos a aparente simplicidade galvaniana dissimular o zelo criterioso na composição textual. Já no primeiro contato, chama a

atenção do leitor o aspecto formal do texto. Ao longo dos vinte e dois versos livres e brancos não se identifica uma única inicial maiúscula. O que num primeiro momento afigura-se ao leitor apenas como uma inovação formal, numa segunda leitura vai-se delineando melhor. Mais uma vez o poeta recorre ao uso do não lugar para inserir sua personagem. Afirma Augé (2012, p. 73) que “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar”. Se no poema anterior o eu lírico dirigia-se a um interlocutor situado na Marginal paulista, em um estado acentuado de zoomorfização, aqui o poeta localiza sua personagem em um ônibus de transporte coletivo. A ideia de não lugar remete a uma qualidade negativa do lugar, de uma ausência do lugar em si mesmo. E não é outra a situação de ulisses (com inicial minúscula, para lhe tirar toda a importância que teria um ser com identidade própria), que ao final da tarde junta seus badulaques e inicia o trajeto de volta, a caminho de sua ítaca (também com minúscula, um espaço não identitário, porque reles como são seus badulaques). E a caminho dessa ítaca, seus olhos vão lhe desvelando toda a mediocridade que marca aqueles não espaços. A personagem está inserida na metrópole, mas a metrópole o expulsa para além dos seus limites. E ele não pode usufruir dos benefícios disponibilizados nos tempos pós-modernos. O ulisses que ocupa um não lugar na metrópole “reconta as humilhações do dia, olha com os olhos/e lambe com a testa as luzes dos shoppings/arquitetura de desejos nunca realizados”.

Considerações finais

Buscamos, neste trabalho, fazer uma incursão pela obra de Donizete Galvão, objetivando lançar um breve olhar sobre a sua poesia que tem a metrópole como tema. Defendemos a ideia de que essa ala da poesia galvaniana prende-se a duas tendências. A primeira delas tem a metrópole como pano de fundo, de onde o eu lírico emerge como um ser nostálgico que não se reconhece nesse espaço árido e hostil. A poesia pertencente a essa tendência tem o foco no espaço, como responsável pelo sentimento de inadequação do eu lírico. A segunda tendência dessa poesia elege personagens que transitam por essa metrópole desumanizada, sem encontrarem um eco em seus anseios. Para essas personagens, mais que um imenso espaço desumanizado, a metrópole é formada de pequenos e infinitos não lugares, onde elas não conseguem se encontrar justamente porque eles não se constituem em espaços identitário; antes, são espaços áridos, impessoais e desumanos.

Buscamos trazer no trabalho poemas que ilustram uma tendência e outra, tendo o foco especial em dois poemas que se configuraram por trazerem à cena poética personagens que transitam por não lugares, justamente por serem espaços marcadamente rasurados pelos efeitos do capitalismo que caracterizam as metrópoles.

Referências

AUGÉ, M. *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. 9. ed. Campinas (SP): Papirus, 2012.

BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras Escolhidas, v. 3).

BONAFIN, A. O espaço da metrópole na poesia de Donizete Galvão. In FIUZA, S.; ALVES, I. (Org.). *Poesia Contemporânea e Tradição: Brasil – Portugal*. São Paulo: Nankin, 2017.

A POESIA DE DONIZETE GALVÃO SOB O SIGNO DA METRÓPOLE

BOSI, A. *O ser e o tempo da poesia*. 8. ed. rev. ampl. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

GALVÃO, D. *A carne e o tempo*. São Paulo: Nankin Editorial, 1997.

GALVÃO, D. *Azul Navalha*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor Ltda, 1988.

GOMES, R. C. *Todas as cidades, a cidade*: Literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MUMFORD, L. *A cidade na história*: suas origens, transformações e perspectivas. Trad. Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

PAZ. O. *Os filhos do barro*: do romantismo à vanguarda. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PINTO, J. P. *Uma memória do mundo*: ficção, memória e história em Jorge Luís Borges. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998.

RABELLO, I. D. A matéria impura da poesia. In: GALVÃO, D. *Mundo Mudo*. São Paulo: Nankin Editorial, 2003.

YOKOZAWA, S. F. C. *A memória lírica de Mário Quintana*. Porto Alegre: EdUFRGS, 2006.